

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LAILA RIBEIRO SILVA

TORMENTA
A CRIAÇÃO DE UMA NOVELA DISTÓPICA

PORTO ALEGRE
2017

LAILA RIBEIRO SILVA

TORMENTA
A CRIAÇÃO DE UMA NOVELA DISTÓPICA

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Escrita Criativa, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio de Assis
Brasil e Silva

Porto Alegre
2017

Ficha Catalográfica

S586t Silva, Laila Ribeiro

Tormenta : a criação de uma novela distópica / Laila Ribeiro
Silva . – 2017.

130 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio de Assis Brasil e Silva.

1. Literatura Brasileira. 2. Escrita Criativa. 3. Distopia. I. Assis
Brasil e Silva, Luiz Antônio de. II. Título.

LAILA RIBEIRO SILVA

TORMENTA
A CRIAÇÃO DE UMA NOVELA DISTÓPICA

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Escrita Criativa, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ana Cláudia Munari Domingos - UNISC

Prof. Dr. Carlos Alexandre Baumgarten – PUCRS

Prof. Dr. Luiz Antônio de Assis Brasil e Silva - PUCRS

Porto Alegre
2017

Pai, mãe, Izlah e Vinícius.
Por apoiarem, obrigada.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Luiz Antônio de Assis Brasil e Silva, pela paciente orientação e apoio. Foi um privilégio poder aprender com o senhor durante esses dois anos, espero ter feito por merecer. Obrigada por todas as oportunidades e incentivo.

Aos colegas André, Felipe, Igor, Cacá, Gabriel, Júlia, Iuli, Tiago, Rodrigo, Débora, Emir. Vocês tornaram a saudade da família suportável, obrigada pelo apoio.

Aos amigos virtuais que ajudaram nos momentos de necessidade, Cássia B. de Sousa, Daniel Boratto e Elvio Moura.

Aos primeiros leitores Luma, Igor, Ana Luiza, Moema, Pedro, Rafael, Daniel, Gabriela e Raquel, pelo otimismo. Vocês fizeram milagres, obrigada pelo suporte.

Ao amigo designer gráfico Gilmar Parreira, obrigada pela criatividade e generosidade ao criar mais um símbolo de resistência.

Se você quiser se rebelar contra o sistema, faça-o de dentro dele. Isso é muito mais forte do que se rebelar estando fora do sistema. E se você escolher se revoltar, leve-me com você (LU, 2012).

RESUMO

O presente trabalho compõe-se de duas partes: um roteiro de escrita e um texto ficcional. A primeira parte apresenta uma novela distópica, inédita, produzida para complementar este trabalho. A segunda apresenta o resgate do processo criativo e sua análise, com o objetivo de compreender tecnicamente os meandros da construção narrativa. A somatória das duas partes revela o processo de criação, desvelando os rastros deixados em um diário que a autora usou para relatar todas as decisões, reflexões e dúvidas do “fazer criativo”, além de apresentar as leituras realizadas para a preparação da novela.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Escrita Criativa, Distopia.

ABSTRACT

This work consists of two parts: a written script and a fictional text. The first part presents a dystopian novel, unpublished, produced to complement this work. The second presents the rescue of the creative process and its analysis, in order to technically understand the intricacies of narrative construction. The sum of the two parts reveals the creative process, revealing the traces left in a diary that the author used to report all the decisions, reflection on the creative practice, in addition to presenting the selected readings in preparation of the novel.

Keywords: Brazilian Literature, Creative Writing, Dystopia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 – CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM HELOÍSA	95
QUADRO 2 – SENTIR ESCRITORA	97
QUADRO 3 – CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM HELOÍSA - REESCRITA	98
QUADRO 4 – ELOÍSA	103
QUADRO 5 – LEONA	105
QUADRO 6 – ERON	107
QUADRO 7 – GAEL	109
QUADRO 8 – PETRA	112
QUADRO 9 - FILIPA	114
QUADRO 10 - SAUL	116
QUADRO 11 - PRIMEIRA CRONOLOGIA	119
QUADRO 12 - SEGUNDA CRONOLOGIA	120
QUADRO 13 - CRONOLOGIA FINAL	121
IMAGEM 1 - PLANEJANDO OS EPISÓDIOS	124
QUADRO 14 – EPISÓDIOS	124
IMAGEM 2 – SÍMBOLO DO MOVIMENTO DENTRO DO GOVERNO	126
IMAGEM 3 – AYA	127

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	11
2 CRIAÇÃO FICCIONAL: <i>TORMENTA</i>	12
3 BREVE REFLEXÃO SOBRE DISTOPIAS	90
4 CONSTRUÇÃO INTELECTUAL	93
4.1 O poder da personagem	93
4.1.1 <i>Configuração linear e configuração orgânica da novela</i>	94
4.1.2 <i>Construção da personagem</i>	98
4.2 Cronologia da novela	118
4.3 Foco narrativo	122
4.4 Episódios	123
4.5 Arremate do planejamento	126
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	130

1 APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é composto por duas partes complementares. Na primeira, disponibilizo a novela intitulada *Tormenta*, escrita especialmente para este trabalho de conclusão de curso. *Tormenta* é uma novela distópica, ambientada em um futuro nebuloso – e espero, só imaginado – do Brasil. Sua premissa foi determinada pelo questionamento: “E se houvesse um novo golpe militar no Brasil?”. A partir dessa ambientação nefasta, apresento a personagem Eloísa, uma adolescente que se rebela contra o governo militar. Filha de um capitão da Polícia Militar de Minas Gerais e educada pela avó, terá um desvio em sua trajetória quando lhe for apresentada uma oportunidade arriscada.

É uma novela curta; porém, minha primeira experiência em uma narrativa mais longa do que o conto. Há alternância entre a narrativa em primeira pessoa, focalizada na personagem Eloísa, e um narrador em terceira pessoa.

A segunda parte deste trabalho apresenta a análise do diário de criação que mantive enquanto planejava e desenvolvia a novela. Optei por priorizar a criação dos elementos essenciais, guardando para uma outra oportunidade a reflexão sobre a escrita em si. Será possível acompanhar, através da segunda parte deste trabalho, o exame do meu processo de criação, apreciando o planejamento da novela *Tormenta*.

2 CRIAÇÃO FICCIONAL: *TORMENTA*¹

¹ A novela *Tormenta* será suprimida desta versão, disponível à consulta *online*, para que possa participar de concursos e facilitar a sua publicação por uma editora.

3 BREVE REFLEXÃO SOBRE DISTOPIAS

Para falar à época, é preciso saber ouvi-la.
Marc Augé

Demorei certo tempo para me encontrar na literatura. Antes lia por obrigação e, mais tarde, durante o tempo da primeira graduação em Administração Geral e Agroindustrial, lia as leituras recomendadas, em geral direcionadas para desenvolver habilidades técnicas. Foi só depois de três pós-graduações que me vi interessada pela literatura fantástica e pela chamada *ficção científica*. Os livros que me despertaram para o gênero talvez não sejam os mais indicados, mas foram o primeiro passo. Depois de *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, e *Harry Potter*, de J. K. Rowling, iniciei um vício predominante, que me permitiu chegar até aqui. De lá para cá, li literatura de massa e clássicos, rejeitados e aclamados, mas com uma única certeza: a de que me encanta mais uma literatura voltada para o supranatural, para o impossível. Lendo autores clássicos e contemporâneos de ficção científica, como George Orwell, Aldous Huxley, Anthony Burgess, Philip K. Dick, Isaac Asimov, Ignácio de Loyola Brandão, Suzanne Collins, Hugh Howey, Marie Lu, Joelle Charbonneau, compreendi que a forma como as ideias são apresentadas e discutidas na narrativa distópica apetece. Pensar em como os seres humanos agem quando o cenário é sinistro e/ou pós-apocalíptico traz a consciência do quanto, em momentos de desesperança, o homem revela sua índole. E essa é uma discussão que me interessa: compreender o humano inserido em ambientes desafiadores, aproveitando todas as potencialidades dessa forma narrativa.

A narrativa distópica, tal como a trabalho na novela *Tormenta*, tornou-se inesperadamente atual, tendo em vista os últimos acontecimentos no cenário político brasileiro. Como se sabe, a indignação com o exercício do governo escolhido nas duas eleições mais recentes tem levado os cidadãos às ruas nos últimos anos – mais especificamente, desde 2013 – para defender posições políticas e ideológicas. É estarrecedor perceber como uma parcela significativa dos manifestantes pede novo golpe militar como solução para acabar com a corrupção. Nas falas dos deputados e senadores, proferidas durante a votação do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, esse fenômeno apareceu com toda a força. E esse fenômeno parece se manifestar como uma realidade inerente ao sistema democrático de uma forma geral, em que

(...) a própria democracia se tornou tão flexível, “democratizou-se” tanto, que nela tudo cabe e, aos menores sinais de crise, ela reage com os sintomas da histeria de massa e da loucura política, como o doente paranoico dos

tempos antigos, que já não é capaz de dar respostas racionais nem às demandas mais simples de seu meio (KERTÉSZ, 2004, p.32).

Quando decidi que queria escrever narrativas ficcionais, tracei um plano de longo prazo. Graduei-me em História, pois queria desenvolver uma consciência crítica mais aprofundada, e, depois, busquei o mestrado em Escrita Criativa. É impossível, para uma graduada em História, ouvir essas vozes que clamam por algo tão brutal como a intervenção militar e permanecer inerte. Não quero que minha novela mude a opinião das pessoas, mas que ela possa trazer mais elementos para a reflexão, pois concordo com as palavras de Nieto (2016): “*Leer ficción fomenta la empatía. Los lectores pueden formarse ideas sobre las emociones, las motivaciones y las ideas de los otros y trasladar esas experiencias a la vida real*”.

Partindo desse ponto, imaginei um cenário em que o pedido para a intervenção das forças armadas é ouvido e um novo golpe militar é deflagrado em 2018, com o objetivo declarado de acabar com a corrupção. Mas, como em experiências anteriores, a corrupção não termina, apenas tem sua forma alterada. Esse ambiente possibilita diversas narrativas, e foi necessário fazer uma triagem daquilo que eu gostaria de discutir.

Fátima Vieira (2010, p.3) afirma, em seu capítulo do livro *The Cambridge Companion to Utopian Literature*, que em 1516, ano de publicação do livro de Thomas More, a palavra *utopia* foi considerada um neologismo, e que, com o passar do tempo, o termo mudou de sentido diversas vezes.

Podemos remontar à *República*, de Platão, os diferentes pensamentos alternativos para a organização da sociedade. Tanto Platão como More escolheram técnicas narrativas semelhantes para discutir outras opções, mas eles divergiram na forma como apresentaram essa narrativa (VIEIRA, 2010, p.5). Vieira afirma que More criou a palavra *utopia* porque precisava de um termo novo, que incluísse uma nova forma de narrar. O conceito, assim, surgiu antes da criação da palavra *utopia*.

Consideramos uma obra literária utópica quando ela apresenta uma destas quatro características: 1) possui uma sociedade imaginada (bom lugar); 2) quando o texto literário segue os moldes do livro *A Utopia*, de Thomas More; 3) quando a função é o impacto no leitor; 4) quando o descontentamento com a realidade propõe uma vida melhor.

Tendo essas questões em mente, e sabendo que *distopia* é um neologismo derivado de *utopia*, podemos concluir que sua conceitualização não é uma tarefa simples, e seus limites e características podem ser alargados e achatados pela presença do autor/pesquisador.

Assim como o conceito de utopia, o de *distopia* surgiu antes da invenção da palavra (VIEIRA, 2010, p.16). Desde os tempos imemoriais que as pessoas desejam construir um mundo melhor, mas também sabem que existe a possibilidade de um futuro mais nebuloso que o presente. E é sobre essa segunda possibilidade que as distopias refletem.

De acordo com Vieira (2010), foi John Stuart Mill, em 1868, que usou a palavra *distopia* pela primeira vez em um discurso parlamentar. Mill objetivava usar uma palavra que se opusesse à utopia, isto é, se utopia era um lugar muito bom para ser possível, a distopia seria um lugar ruim demais para ser possível. Assim, a palavra distopia entra em uso, não apenas para se referir a lugares imaginários piores que a realidade, mas também para trabalhos que descrevem lugares como esses.

Vieira (2010) afirma ainda que, na segunda metade do século XX, as distopias foram o gênero predominante nos Estados Unidos, em decorrência das guerras e pelo desapontamento com relação ao potencial do homem.

A literatura distópica usa o mesmo espaço da realidade, mas projetado no futuro. Prevê que os acontecimentos terão um fim terrível e é, portanto, essencialmente pessimista (VIEIRA, 2010, p.17). Rejeita-se a ideia de que o homem pode ser perfeito, e, apesar dos escritores desenharem imagens negativas do futuro, suas expectativas são de conquistar uma reação positiva dos leitores, que são guiados a perceber que todas as pessoas têm falhas e que a melhoria na vida social, sublimando a melhoria da vida individual, é a única maneira de assegurar a felicidade. Outro ponto que os leitores devem entender é que o futuro retratado não é uma realidade, mas apenas uma possibilidade que precisamos aprender a evitar (VIEIRA, 2010).

Ainda segundo a autora, são duas ideias conectadas que fomentam o discurso distópico: a ideia do totalitarismo e a do progresso científico e tecnológico que, ao invés de melhorar a humanidade, pode ser usado para estabelecer ditaduras.

As primeiras narrativas de um futuro no qual os avanços científicos e tecnológicos foram mal empregados foram apresentadas pelas distopias *We* (1921), escrita por Yevgeny Zamyatin, *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley, e *1984* (1949), de George Orwell.

4 CONSTRUÇÃO INTELECTUAL

A partir deste ponto, demonstro como foi o processo de criação da novela *Tormenta*, que foi também um processo de aprendizado sobre as possibilidades da escrita.

4.1 O poder da personagem

A matéria-prima da ficção é e sempre foi a emoção, as convicções, os valores humanos.

John Gardner

Há três anos, sonhei com uma mulher indo visitar um homem na prisão. Lembro que ele era o assassino do marido dela, e ela buscava respostas e consolo. Durante aqueles minutos que antecedem o despertar total, preenchia aquela história com elementos que me apeteçam, mesmo embebida na neblina do sono. Neste caso, decidi que ele não era culpado da morte do marido, e, este último, era o vilão. Ele não contaria isso de imediato a ela; com o tempo, enquanto se correspondessem, ela mesma descobriria quem o marido era e se apaixonaria pelo presidiário.

Esse sonho passou a me perseguir e eu teimava em não o contextualizar. Até que no ano de 2015, durante uma aula do professor Ricardo Barberena, imaginei um cenário atordoante. E se a Ana e o Rodrigo (a mulher e o presidiário do sonho) vivessem num futuro em que os militares tomassem novamente o poder? E se o pai e o marido da Ana fossem militares e, ao contrário do prometido no dia do golpe, fossem corruptos, iguais ou piores que aqueles que destituíram? Essas questões me levaram à pergunta “e se houvesse um novo golpe militar?”.

Minha cabeça fervilhou com as possibilidades de crescimento da personagem Ana. Sua transformação de menina doce e submissa em uma mulher independente seria interessante de acompanhar. Preocupava-me, entretanto, a forma como apresentaria Ana, a personagem do sonho; afinal, num primeiro momento os leitores poderiam rejeitá-la, já que se mostraria dócil demais.

Durante a primeira reunião de orientação, minhas preocupações iniciais foram permutadas. Meu orientador mostrou-me algo que eu insistia em não perceber: essa história já fora contada, e brilhantemente contada. Minha ideia inicial recontava *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, uma vez que Ana seria apaixonada por alguém “do outro lado” político. Depois

de alguns dias absorvendo essa ideia, compreendi que devia alterar a Ana, personagem do sonho, e transformá-la numa nova protagonista.

Decidi que manteria apenas a ideia inicial e seu sentido. O cenário em que os militares governam o Brasil permaneceria, mas minha protagonista mudaria completamente. Seu conflito deveria ser universal, para que os leitores se identificassem com ela. Ela deveria ser consistente, com fraquezas e necessidades, e a história deveria partir dela. O que eu quero que o leitor conclua, quando finalizar a leitura, é: “não existem atalhos”, se o governo existente é ineficaz, precisa-se modificar toda a estrutura.

Assim, construí Eloísa, uma adolescente que vive nesse futuro. Ela é neta de uma professora de História e filha de um capitão da Polícia Militar. Quando criança, Eloísa encontrou o corpo de uma mulher que havia se suicidado no banheiro de uma igreja. Esse acontecimento marcou-a, ditando mais tarde suas ações. Eloísa é corajosa e altruísta, mas em sua ânsia por justiça e medo de se encontrar na mesma posição que a suicida – vítima do regime –, age impulsivamente, colocando sua família em perigo. Viveria, assim, em um estado constante de drama.

4.1.1 Configuração linear e configuração orgânica da novela

A ideia inicial que contava a história da personagem Ana seguia um pensamento linear, em que eu dava mais importância à história que eu queria contar, isto é, ao encontro amoroso entre Ana e Rodrigo. Sabe-se que, na configuração linear, que exige a relação imediata de causa e efeito entre os diferentes episódios, corre-se o risco de perder o fôlego narrativo. Essa pode ser a fórmula do fracasso, visto que, para se escrever uma novela, não é suficiente uma grande história, mas sim uma grande personagem.

Além disso, a história se caracterizava como um clichê de ideias literárias, e o conflito corria o risco de perder a força.

Para resolver a questão, primeiro determinei o conflito: a capacidade de agir com sabedoria opondo-se às ações inconsequentes. Revendo minha protagonista, agora Eloísa, tentei pensar organicamente. A história iria partir *da* personagem, e os episódios derivariam dela. Para isso, usei os elementos fornecidos na Oficina de Criação Literária do professor Assis Brasil, e construí Eloísa inicialmente da forma abaixo transcrita:

QUADRO 1 – CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM HELOÍSA

<p>Construção da personagem – Heloísa</p> <p>Estudante universitária de Educação Física</p> <p>21 anos, classe média alta, mora na área nobre da cidade X. Mantém sua aparência discreta para ajudar a se camuflar, não ser percebida, destacada.</p> <p>Vai fazer uma tatuagem em homenagem à mãe.</p> <p>Estereótipos: filhinha do papai, superprotegida pelo pai, preocupa-se só com compras.</p> <p>O revés do estereótipo: agente política atuante, sabe se defender (aprendeu artes marciais e a atirar, por exemplo, para agir em defesa da população), pequeno domínio em informática. Lê muito, sob instrução da bisavó. Altruísta, mas orgulhosa.</p> <p>Ver a suicida na infância a persegue: ela sente necessidade de impedir que mais pessoas sofram daquela forma. Se compadece dos outros, pois sabe que é privilegiada; porque tem medo da morte e do sangue no espelho; porque tem medo que ela tenha o mesmo fim. Não queria que a mãe estivesse morta. Não quer que ninguém mais morra, que vivam tanto/como a bisavó.</p> <p>Nem considera a morte do pai, pois ele é inteligente e um super-herói.</p> <p>O maior medo de Heloísa é morrer como a suicida do banheiro.</p>

Fonte: A autora (2015).²

Apresentada a nova ideia para meu orientador, decidi que o próximo passo seria escrever uma cena-teste, com o objetivo de compreender melhor minha personagem. Escolhi escrever a cena da Eloísa encontrando a suicida no banheiro, pois já estava bem clara para mim e provavelmente seria a cena de abertura do livro. Meu orientador me chamou a atenção para o fato de que muitos leitores não leem os prólogos, pulam a leitura para o primeiro capítulo, por isso decidi não nomear essa cena desta forma.

Também decidi, nesta reunião, que a história seria narrada pela protagonista Eloísa, em primeira pessoa, e no presente do indicativo. Mais adiante discutirei esse ponto com mais detalhes. Outra questão em que meditei nesse momento foi a possibilidade de que a narradora estivesse “gravando sua história” em um gravador ou diário, mas não gostei dessa possibilidade. Queria a protagonista falando diretamente com o leitor.

A seguir está transcrita a cena-teste, apresentada para o orientador no dia 06 de junho de 2015:

² Transcrição do diário que a autora mantém sobre seu processo criativo.

Nem era tão perigoso assim, lembro-me de pensar enquanto apressava o passo rumo à porta, sem saber se temia mais as sombras da igreja, fazer xixi nas calças ou nunca mais ter a liberdade de ir ao banheiro sozinha. Existiam muitas situações constrangedoras quando não se tinha uma mãe. Ir ao banheiro era um problema. Comprar calcinhas era um problema. Ser a filhinha do papai era um problema.

Mas foi negociando que consegui convencer meu pai a me deixar ir ao banheiro sozinha naquela terça-feira, depois da missa de sete anos de falecimento de minha mãe. E meu aniversário. Seria um presente confiar que eu poderia ir ao banheiro sem a escolta dele.

Bati a mão na porta para abri-la, torcendo que a luz estivesse acesa. Não precisava me preocupar com isso, a luz estava apagada, mas ainda entrava luz do dia. Conseguia ouvir dali os passarinhos cantando lá fora, abafando a conversa dos adultos que estavam na escadaria em frente à igreja. O banheiro cheirava a urina e a ferrugem.

Mesmo com a penumbra, vi que à direita estavam as pias para lavar as mãos, com sabonetes em barra sobre o balcão. Só havia toalhas de pano, o que era meio nojento. Quantas mulheres já deveriam ter esfregado suas mãos ali, método totalmente anti-higiênico. O espelho acima das pias tinha suas laterais desgastadas, dizendo que ali não foi o primeiro lugar em que fora instalado.

Na esquerda ficavam as privadas. Foi um alívio perceber que tinha quatro boxes com portas, não conseguia fazer xixi com alguém olhando. Localizei o mais distante da porta. A Vó tinha uma teoria que os boxes que ficavam do lado oposto à porta de entrada eram os mais limpos, já que quem está muito apertado correria para o mais próximo da porta. Me sentia inteligente por sempre me lembrar disso, e segui com passos confiantes até do outro lado do banheiro.

Ao andar senti que um pé dos meus tênis estava com os cadarços soltos, e me agachei para amarrá-lo. Adorava aquele tênis, pela primeira vez tinha conseguido convencer meu pai que não gostava tanto assim de rosa, que gostava mais de azul, e não tinha problema uma menina gostar de azul. Meu novo tênis era de um tom azul clarinho, com o solado preto. Era lisinho, sem aqueles babados e camurça que a Vó tanto gosta. O cadarço era branco, o que fez meu pai me dar um sermão sobre como deveria lavar meus tênis semanalmente para que eles não encardissem.

Dei uma lustradinha no tênis depois de arrematar o nó, e ergui a cabeça. A primeira coisa que notei foi que a porta do último box estava entreaberta. Depois notei que algo escuro fluía em minha direção. Levantei com o coração disparado e dei um passo à frente para empurrar a porta. Sem querer pisei no líquido e senti algo pegajoso.

O cheiro ferroso era mais forte ali e quando empurrei a porta o mundo silenciou. Sobre a privada, sentada, torta, tinha uma mulher. As pernas estavam dependuradas, com os pés torcidos. A cabeça pendia do pescoço, encontrando apoio só na parede da lateral do box. Os cabelos estavam soltos, revoltados, colocados de qualquer forma atrás das orelhas. O rosto estava muito branco, marcado em lágrimas. Usava um vestido florido, sem mangas, deixando à mostra seus braços volumosos. A bolsa estava atirada no lixo, com o fecho aberto e seus itens esparramados no chão. Um brilho metálico mais próximo da mulher chamou o foco para a situação das mãos. Sobre as coxas, viam-se os pulsos abertos. As flores do tecido escureceram com o peso do líquido que empossava. O mesmo líquido que agora se espalhava vagarosamente pelo piso do banheiro.

Fui me afastando passo a passo até bater em uma pia. Me virei de costas e vi refletida toda a cena. Eu estava com os olhos arregalados, de boca aberta, ofegava e estava muito pálida. E sobre o meu ombro esquerdo, um cadáver. O peso que iria sempre carregar.

Escrever a cena-teste aumentou a minha confiança. Antes, sentia que escrever era um processo desgastante e o prazer se apresentava apenas ao se conferir o resultado. Ao escrever a cena, percebi que o planejamento facilitava o trabalho, resultando em um processo mais fácil, aprazível.

O tempo de escrita foi permeado de pesquisa. Sempre que surgia alguma dúvida, sentia a necessidade de pesquisar. Longe de perder tempo, a pesquisa me forneceu segurança.

Lendo o diário de criação que mantive durante todo o processo de construção da novela, notei que a reunião de orientação do dia 26 de maio de 2015 foi de muita importância, não somente pelo andamento do trabalho em si. Percebi que foi esse o primeiro dia em que comecei a pensar que poderia ser capaz de escrever uma narrativa longa. A aprovação da personagem Eloísa pelo meu orientador possibilitou que eu acreditasse de fato neste projeto.

Vale, neste momento, apresentar o que escrevi no diário de escrita no dia 08 de junho de 2015:

QUADRO 2 – SENTIR ESCRITORA

Não aguentei a ansiedade e perguntei sobre a cena para o Assis em sua aula de Teorias da Criação Literária. Ele disse que vamos conversar melhor na semana que vem, mas reafirmou que gostou.

Desabafei dizendo que não me sinto uma escritora, não tenho coragem de dizer que “eu escrevo” para as pessoas. Mas que depois de escrever essa cena-teste me sinto

caminhando, sinto que talvez eu possa mesmo escrever, que possa passar do plano do sonho para a realidade. É a primeira vez que acredito nisso: posso escrever.

Fonte: A autora (2015).³

4.1.2 Construção da personagem

Estando satisfeita com a cena-teste, decidi que o próximo passo era reescrever a ficha da construção da personagem Eloísa (com as alterações que julgasse necessárias para que ela simulasse uma presença consistente na história) e uma sinopse de uma página. Abaixo a segunda ficha da construção da personagem (desta vez, usei o programa Word):

QUADRO 3 – CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM HELOÍSA - REESCRITA

Recém-formada no Ensino Médio, decidindo se seguirá o conselho do pai e avó para ingressar na carreira militar.

17 anos, classe média, mora na área nobre da cidade X. Mantém sua aparência discreta para não chamar a atenção durante ações contra o governo. Vai fazer uma tatuagem em homenagem à mãe. Morena.

Estereótipos: superprotegida pelo pai, alienada.

Quebra: agente política atuante. Sabe se defender fisicamente. Lê muito sob instrução da avó. Altruísta, mas orgulhosa, arrogante.

Ver a suicida na infância a persegue: ela sente necessidade de impedir que mais pessoas sofram daquela forma, se compadece dos outros.

Carrega o medo da morte e do sangue no espelho. Tem medo de que ela tenha o mesmo fim.

Não queria que a mãe estivesse morta. Não quer que ninguém mais morra, que morram apenas de velhice. Nem cogita a morte do pai.

O maior medo da Heloísa é morrer como a suicida no banheiro.

Fonte: A autora (2015).

No final dessa construção, repeti diversas vezes a pergunta “e se?”. Esse é um questionamento importante, pois testamos se a novela persistiria em outras circunstâncias, se o conflito interior da personagem era forte o suficiente para persistir caso não acontecesse aquela composição de situações. Essa “turbulência” tem a missão de potencializar o conflito, não pode ser um fator determinante dele.

³ Transcrição do diário que a autora mantém sobre seu processo criativo.

Com a construção da personagem Heloísa, escrevi a primeira sinopse:

Heloísa está encurralada, conseguiu ajudar na fuga de um professor de História, mas foi encurralada em um beco ao fugir da polícia. Com alguma sorte consegue sair ilesa.

Volta para casa e relata o que aconteceu ao pai e à avó, que concordam que Heloísa foi imprudente. Discutem muito, mas Heloísa não recua. Acredita que eles deveriam aumentar suas ações, ao invés de serem mais cuidadosos.

O pai consegue mais uma informação privilegiada. O próximo passo é reunir informações para planejar uma ação. Heloísa está enfadada com essa rotina lenta. Durante o levantamento de dados, Heloísa se surpreende com o aparecimento de um rapaz desconhecido, que toma as ações que ela gostaria de estar tomando naquela situação.

Heloísa fica estupefata com a situação, ignora sua tarefa e foca sua atenção em descobrir quem é o rapaz. A princípio ele consegue se esquivar, mas usando do conhecimento e mecanismos desenvolvidos pela família, ela finalmente consegue a atenção do rapaz.

O rapaz mostra-se relutante em apresentá-la à organização, mas acaba sendo convencido pela insistência de Heloísa.

Heloísa é apresentada em uma reunião da organização. Primeiros indícios de que a mãe de Heloísa foi uma fundadora serão revelados nesse momento. Conhece aliados e inimigos dentro da própria organização. Ela quer participar de um grande ato, mas os líderes passam tarefas mais simples que o pai.

Um líder percebe a ansiedade de Heloísa, e sabendo de sua procedência, organiza um grande ato em que ela terá destaque. Heloísa se lembra de tomar precauções, mas não as toma devido à ambição de realizar algo grande. Esse grande ato fracassa, colocando em perigo a família de Heloísa. Com a ajuda do rapaz, ela tenta salvar o pai e a avó, mas não consegue.

Volta para a organização desejando desmascarar o líder, mas nesse momento a sede da organização é invadida pela polícia. Heloísa consegue escapar milagrosamente com o auxílio do rapaz.

Finaliza com Heloísa e o rapaz voltando ao ponto inicial, se candidatando para ingressar na carreira militar como o pai e a avó haviam orientado, “derrubando o sistema de dentro dele”.

Durante as férias de julho de 2015, reescrevi a sinopse de uma página que, posteriormente compreendi, não era uma verdadeira sinopse. Mas essa reescrita foi muito

importante para clarear meu planejamento dos episódios e pensar no papel da mãe da protagonista. Segue abaixo a segunda sinopse:

Aturdida com tantos escândalos e crise política e financeira, a população brasileira pediu a intervenção militar ao acreditar que era a única solução para eliminar a corrupção no final de 2018. A ditadura foi implantada por aclamação popular. A minoria que discordava dos militares tentou resistir, várias organizações foram formadas e abafadas. Quando essa história começa, o governo ditatorial está em seu auge, tomou conta de todas as instituições. A corrupção não acabou, apenas se adaptou com o novo cenário.

A personagem principal, Heloísa, começa a narrativa em fuga. Seguindo as orientações de sua avó e de seu pai militar, Heloísa estava fotografando policiais recebendo propina. Os policiais notam o registro e saem em perseguição. Heloísa consegue escapar se escondendo em um mercado público.

O pai, a avó e Heloísa tentam enfraquecer o governo com ataques cibernéticos e ajudando pessoas – chamados de corrupts – perseguidas pelo governo a fugirem conseguindo transporte e asilo político. Heloísa acredita que essas ações são fracas, que eles poderiam fazer ações mais agressivas para ajudar a derrubar o governo, mas o pai e a avó mantêm sua posição de que a melhor alternativa de derrubar um governo é atuando dentro dele. Heloísa é uma adolescente inteligente e altruísta, mas ansiosa e arrogante.

O pai e a avó então apresentam o próximo ataque: eles vão raquear o sinal dos telões do estádio que receberá dois times para um clássico de futebol. Heloísa então precisará recolher informações sobre o estádio, segurança, etc... acha tudo monótono e de pouco impacto. Até que na manhã do jogo, quando ela está terminando um “gato” nas fiações dos cabos dos telões, percebe uma movimentação estranha. Percebe que era um rapaz com uniforme da segurança, mas ela não o reconheceu a partir de seu levantamento prévio. Ela o persegue e descobre que ele estava colocando explosivos na cabine de imprensa – a imprensa é controlada pela censura militar.

Heloísa esquece sua tarefa e segue o rapaz, tentando descobrir quem ele é. Ele foge, mas ela não desiste. Usa o equipamento da família para descobrir o rapaz em uma rede social antiga. Ela então levanta todas as informações do rapaz pela internet. Ela o rastreia até seu apartamento. O rapaz, Rodrigo, a expulsa e nega qualquer envolvimento com a explosão da cabine de imprensa. Heloísa então fica de tocaia, com a esperança de descobrir o envolvimento de Rodrigo com a Org – organização que assumiu o ataque à cabine de imprensa – espera até que ele saia do apartamento, e é quando consegue salvar Rodrigo de

uma batida policial aleatória. Em retribuição, Rodrigo irá lhe apresentar à organização de resistência, intitulada Org.

Ao ser apresentada na Org, Heloísa é tratada como qualquer calouro. Ela não conta de quem é filha e nem sobre suas ações anteriores, tentando proteger sua família, mas um dirigente da Org, Lúcio, descobre ao pesquisá-la. Ele deseja ascender ao cargo de diretor da Org e para isso decide sacrificar Heloísa ao perceber o quanto ela está ansiosa para participar de ações mais violentas.

Lúcio apresenta à direção da Org seu plano de um assalto coordenado em 10 agências bancárias para levantar os fundos necessários para melhor equipar e armar a Org. A direção veta o plano, mas Lúcio irá executá-lo mesmo sem aprovação. Ele convoca diversos membros da Org e conta com as informações que Heloísa pode raquear com o pai. Rodrigo não quer participar, mas percebe que Heloísa está muito envolvida e participa para tentar protegê-la.

No dia do assalto, quando a terceira agência é invadida, o governo consegue parar o assalto. Prende todos os envolvidos, e os membros que estavam escalados para invadir as agências seguintes conseguem fugir. O governo descobre que a senha do pai de Heloísa foi usada para obtenção de informações. Enquanto Heloísa, Rodrigo e Lúcio tentam escapar, o governo invade a casa de Heloísa, montando uma falsa cena de que a avó teria se suicidado ao ser descoberta. A sala onde ficavam os computadores usados pela família é destruída e o pai de Heloísa desaparece.

Heloísa e Rodrigo conseguem enterrar o corpo da avó e tentam descobrir o paradeiro do pai, em vão. Eles pedem ajuda à Org, mas os dirigentes se recusam, pois a ação não foi autorizada. Lúcio consegue fugir com o dinheiro dos dois primeiros assaltos, abandonando a causa.

Heloísa então entende os conselhos do pai e avó. Ela e Rodrigo preparam-se para a seleção de oficiais do exército e conseguem passar, e Heloísa volta a realizar as ações que fazia com o pai e avó. Ela e Rodrigo também iniciam uma resistência dentro do exército, aglutinando oficiais e praças que são contra a ditadura.

No pós-fácio, anos mais tarde Heloísa descobre que o pai havia sido torturado, morto e enterrado em uma vala coletiva.

Flashbacks: durante a narrativa, também em primeira pessoa, será narrada a história da mãe da Heloísa que terminará com sua morte no parto.

Gosto particularmente de histórias que envolvem mistério, e que no final somos brindados com uma revelação. Imaginava o que teria ocorrido à mãe, quando pensei que ela poderia ser uma agente importante na história de Eloísa.

Imaginei que Leona, mãe de Eloísa, fizesse parte de um grupo de resistência. Mais que isso, que fosse um de seus líderes. Ela teve um relacionamento breve com o pai, Eron, e morreu durante o parto. Contar a história de Leona fortaleceria o conflito, mostrando mais uma vez que “atalhos não existem”. A história que eu pretendia narrar compreendia a descrição do ano do golpe e as consequências dele, além de mostrar um pouco as infrutíferas ações do grupo de resistência iniciado por ela, o qual se alterou ao tomar medidas violentas contra o Estado.

Desse modo, mantive o mesmo tema central, mas com dois núcleos de conflito, centrados nas personagens Eloísa e Leona, sendo Eloísa a protagonista, com sua narrativa em primeira pessoa. A narrativa que compreende Leona seria feita em *flashbacks*, narrados por uma terceira pessoa.

Na reunião de orientação do dia 30 de junho de 2015, compreendi que não sabia o que era uma sinopse. Vim a aprender na disciplina Oficina do Romance, no dia 04 de abril de 2016: uma sinopse é composta por uma frase que apresenta a história aparente (enredo) e o conflito. Na sinopse, é imprescindível notarmos a transformação da personagem, isto é, as fraquezas e necessidades, mais a turbulência (peripécias), resultando na alteração da personagem. Tendo isso em mente, planejei a sinopse da novela da seguinte maneira: “Garota descobre que ações rápidas e violentas são ineficazes para se derrubar uma ditadura militar e, no processo de aprendizado, perde a família e se envolve em um relacionamento amoroso”.

Sinopse e conflito definidos, chegou o momento de definir as personagens centrais. Para determinar convincentemente as transformações delas, segui as orientações clássicas: 1) o leitor deve entender o caráter inicial de sua personagem e, especialmente, suas motivações (fraquezas e necessidades); 2) o leitor deve ter evidências de que a personagem pode mudar; 3) o leitor deve ver, em cenas, certos padrões de experiências que pode ser razoável esperar-se da personagem; 4) o leitor deve sentir como plausível uma nova motivação para ocupar o lugar da antiga.

Sendo assim, para finalizar o delineamento das personagens, criei quadros para as sete personagens determinantes do enredo. Cada quadro apresenta uma personagem, utilizando dois modelos de construção da personagem: o primeiro modelo usado

anteriormente, aprendido na Oficina de Criação Literária, e o outro indicado no livro *Eu escrevo meu primeiro romance*, do autor Louis Timbal-Duclaux (1993, p.92).

O processo de criação das personagens começou no dia 11 de janeiro de 2016, com a personagem Eloísa, e terminou no dia 22 de janeiro de 2016. Seguem, abaixo, os quadros e algumas reflexões.

QUADRO 4 – ELOÍSA

Personagem: Eloísa Bordoni		Narradora em 1ª pessoa/ protagonista	
Construção da personagem - Oficina			
Situação externa:	Recém-formada no Ensino Médio, decidindo se seguirá o conselho do pai e da avó para ingressar na carreira militar.		
Características externas:	17 anos, classe média, mora na área nobre da cidade X. Mantém sua aparência discreta para não chamar a atenção durante ações contra o governo. Morena.		
Estereótipo:	Superprotegida pelo pai, alienada.		
Quebra do estereótipo:	Agente política atuante. Sabe se defender fisicamente. Lê muito, sob instrução da avó. Altruísta, mas orgulhosa, arrogante.		
Condições emocionais:	Ver a suicida na infância a persegue: ela sente necessidade de impedir que mais pessoas sofram daquela forma, se compadece dos outros.		
O que quer a personagem:	Carrega o medo da morte e do sangue no espelho. Tem medo que ela tenha o mesmo fim. Não queria que a mãe estivesse morta. Não quer que ninguém mais morra, que morram apenas de velhice. Nem cogita a morte do pai.		
Maior medo:	Morrer como a suicida no banheiro.		
Ficha personagem Timbal-Duclaux			
Apelido/Nome/Alcunha:	Elô/Eloísa/Ísis		
Dimensão física e psicológica			
Sexo:	Feminino		
Idade:	17		
Data de nascimento:	Quinta-feira, 10 de agosto de 2023	Signo:	Leão
Tamanho e peso:	1,68/60kg		

Figura (cor dos cabelos, olhos, pele):	Morena, cabelos castanhos, lisos, longos, pele clara, olhos castanhos médios, rosto oval
Postura:	Empertigada
Aspecto (sujo, bonito):	Bonita, asseada
Eventuais defeitos (cicatrices, anomalias):	-
Hereditariedade (doenças):	-
Vestuário habitual:	Discreta
Acessórios habituais:	
Dimensão social e familiar	
Classe social:	Média
Profissão/função (trabalho, horário, salário):	Recém-formada no ensino médio, decidindo o futuro.
Educação (duração, escolas, disciplinas favoritas ou não, cultura):	Ensino fundamental e médio completos. Detesta biologia.
Vida familiar (pais vivos? Separados? Divorciados? Órfão? Mentalidade, maneira de viver, hábitos/vícios/virtudes):	Órfã de mãe (sabe muito pouco sobre ela). Vive e foi educada pelo pai e pela avó paterna. Não sabe nada sobre a família materna.
Religião, espiritualidade:	Católica (pouco praticante)
Estado civil:	Solteira
Nacionalidade, etnia:	Brasileira
Lugar social: apagado ou forte (clubes, associações):	Discreta, poucos amigos.
Opção ou filiações políticas/sindicais:	-
Atividades de tempos livres: leitura, jornais, desportos, bricolage:	Militante contra a ditadura. Adora ler.
Dimensão psicológica	
Experiência e vida sexual:	Apesar da pouca experiência, sente-se segura.
Crenças mais importantes e ambições:	Acredita na democracia.
Maiores frustrações:	Não saber nada sobre a mãe.
Temperamento/caráter (nervoso, sanguíneo, sentimental, sonhador, colérico):	Impulsiva, altruísta.

Atitude face a vida (ativo, militante, indiferente, resignado, desiludido):	Ativa, militante.
Complexos pessoais (fobia, inibições, superstições, obsessões):	Quer acabar com a ditadura.
Nível de inteligência:	Médio.
Capacidades particulares (matemática, literatura...):	Informática
Relações com os outros (extrovertido, introvertido):	Apesar de discreta, é extrovertida socialmente.
Qualidades (imaginação, lógica, intuição):	Confia na intuição e é observadora, graças a muito treinamento.

Fonte: A autora (2016).

Determinei então que o nome da personagem seria Eloísa sem o H, deixando com uma grafia diferente da mais comumente usada. Quem nos ensinou sobre isso foi Gabriel García Márquez, que defendia que os nomes de personagens deveriam ser incomuns, para que o leitor não esquecesse a personagem dentro da novela.

QUADRO 5 – LEONA

Personagem: Leona Amorim		Percepções apresentadas nos <i>flashbacks</i>
Construção da personagem - Oficina		
Situação externa:	Estuda geologia em uma Universidade Federal.	
Características externas:	19 anos, classe média, universitária, bairro pobre. Morena, cabelos cacheados.	
Estereótipo:	Universitária que gosta de festas, irresponsável, egocêntrica.	
Quebra do estereótipo:	Dedicada aos estudos, têm consciência política.	
Condições emocionais:	Não se sente ligada emocionalmente com ninguém, sua família é distante emocionalmente.	
O que quer a personagem:	Quando sair da faculdade, ter um bom emprego. Porque quer constituir uma família bem estruturada. Deseja ter ligações mais humanas. Porque sente necessidade de ser amada.	
Maior medo:	Continuar sozinha.	
Ficha personagem Timbal-Duclaux		
Apelido/Nome/Alcunha:	Leo/Leona/Karou	
Dimensão física e psicológica		

Sexo:	Feminino		
Idade:	19		
Data de nascimento:	Sexta-feira, 3 de dezembro de 1999	Signo:	Sagitário
Tamanho e peso:	1,65/58 kg	<p>Novembro de 2022 ela engravida. Conhece Eron em fevereiro de 2022.</p>	
Figura (cor dos cabelos, olhos, pele):	Cabelos castanhos escuros, cacheados, olhos castanhos médios, pele clara, rosto oval.		
Postura:	Firme.		
Aspecto (sujo, bonito):	Asseada, bonita.		
Eventuais defeitos (cicatrices, anomalias):	-		
Hereditariedade (doenças):	-		
Vestuário habitual:	Calça jeans, camiseta e <i>all star</i> .		
Acessórios habituais:	Mochila		
Dimensão social e familiar			
Classe social:	Média		
Profissão/função (trabalho, horário, salário):	Universitária		
Educação (duração, escolas, disciplinas favoritas ou não, cultura):	Fica o dia todo no campus.		
Vida familiar (pais vivos? Separados? Divorciados? Órfão? Mentalidade, maneira de viver, hábitos/vícios/virtudes):	Pais vivos e professores universitários, distantes, acreditam em uma educação mais independente.		
Religião, espiritualidade:	Sem credo.		
Estado civil:	Solteira		
Nacionalidade, etnia:	Brasileira		
Lugar social: apagado ou forte (clubes, associações):	Extrovertida, muitos amigos. Grupo de Escoteiros.		
Opção ou filiações políticas/sindicais:	-		
Atividades de tempos livres: leitura, jornais, desportos, bricolage:	Escoteiro		
Dimensão psicológica			
Experiência e vida sexual:	Normal para a idade universitária.		
Crenças mais importantes e ambições:	Deixe o lugar melhor que encontrou.		
Maiores frustrações:	Vida familiar fria.		

Temperamento/caráter (nervoso, sanguíneo, sentimental, sonhador, colérico):	Corajosa, líder nata.
Atitude face a vida (ativo, militante, indiferente, resignado, desiludido):	Ativa.
Complexos pessoais (fobia, inibições, superstições, obsessões):	
Nível de inteligência:	Médio
Capacidades particulares (matemática, literatura...):	
Relações com os outros (extrovertido, introvertido):	Extrovertida.
Qualidades (imaginação, lógica, intuição):	Estrategista.

Fonte: A autora (2016).

Não tenho interesse nem disposição para estudar astrologia, mas confesso que ainda me surpreendo com algumas descrições de personalidades feitas por ela. Sendo assim, perdi alguns minutos determinando alguns traços da personalidade de cada personagem através da indicação de seu signo. Para isso, pesquisei na internet as características de cada signo.

QUADRO 6 – ERON

Personagem: Eron Bordoni		Pai da Eloísa
Construção da personagem - Oficina		
Situação externa:	Capitão da Polícia Militar	
Características externas:	45 anos, classe média, formado em direito, mora em área nobre, porte mediano, cabelos grisalhos, olhos castanhos.	
Estereótipo:	Compactua com a ditadura. Militar que não pensa, só segue ordens.	
Quebra do estereótipo:	Trabalha contra a ditadura, atuando na conscientização e no auxílio aos perseguidos.	
Condições emocionais:	Sente-se responsável pela segurança da família. Culpa-se pela morte da mãe de sua filha.	

O que quer a personagem:	Quer ajudar o maior número de pessoas possível, mas zelando pela segurança de sua filha e mãe. Quer que os ditadores devolvam o poder para o povo. Quer ter liberdade para escolher e agir.		
Maior medo:	Perder a sua filha, como perdeu a mãe dela.		
Ficha personagem Timbal-Duclaux			
Apelido/Nome/Alcunha:	Crato/Eron/Cap. Bordoni		
Dimensão física e psicológica			
Sexo:	Masculino		
Idade:	45		
Data de nascimento:	Sábado, 13 de maio de 1995	Signo:	Touro
Tamanho e peso:	1,75/67 kg		
Figura (cor dos cabelos, olhos, pele):	Cabelos grisalhos, olhos castanhos, pele clara.		
Postura:	Rígido		
Aspecto (sujo, bonito):	Asseado. Cabelo cortado estilo militar		
Eventuais defeitos (cicatrices, anomalias):	-		
Hereditariedade (doenças):	-		
Vestuário habitual:	Farda		
Acessórios habituais:			
Dimensão social e familiar			
Classe social:	Média		
Profissão/função (trabalho, horário, salário):	Capitão da Polícia Militar. P2 (Serviço de Inteligência da PM).		
Educação (duração, escolas, disciplinas favoritas ou não, cultura):	Formou-se em direito para fazer o CFO.		
Vida familiar (pais vivos? Separados? Divorciados? Órfão? Mentalidade, maneira de viver, hábitos/vícios/virtudes):	Mãe viva, pai (Zeke) morto em acidente de trânsito quando Eron tinha 22 anos.		
Religião, espiritualidade:	Católico		
Estado civil:	Solteiro		
Nacionalidade, etnia:	Brasileiro		
Lugar social: apagado ou forte (clubes, associações):	Tímido		
Opção ou filiações políticas/sindicais:	-		

Atividades de tempos livres: leitura, jornais, desportos, bricolage:	No tempo livre treina a filha para se defender contra a ditadura, além de promover ações contra a mesma.
Dimensão psicológica	
Experiência e vida sexual:	Depois da morte da mãe de sua filha, evita relacionamentos duradouros.
Crenças mais importantes e ambições:	Acredita na liberdade individual.
Maiores frustrações:	Não ter encontrado uma maneira de salvar e ficar ao lado de Leona.
Temperamento/caráter (nervoso, sanguíneo, sentimental, sonhador, colérico):	Protetor, prático, determinado.
Atitude face a vida (ativo, militante, indiferente, resignado, desiludido):	Ativo, mas discreto.
Complexos pessoais (fobia, inibições, superstições, obsessões):	Por bom desempenho.
Nível de inteligência:	Médio.
Capacidades particulares (matemática, literatura...):	
Relações com os outros (extrovertido, introvertido):	Introvertido.
Qualidades (imaginação, lógica, intuição):	É um excelente observador.

Fonte: A autora (2016).

Contei com o auxílio imprescindível do meu pai, Adão Carlos, para desenvolver as personagens militares. Eu cresci dentro de uma Vila Militar, meu pai aposentou-se major da Polícia Militar de Minas Gerais, então tive, além das minhas próprias memórias, uma ajuda inestimável para a construção convincente dos militares e seu universo através das explicações e orientações de um oficial militar.

QUADRO 7 – GAEL

Personagem: Gael Tolezano	
Construção da personagem - Oficina	
Situação externa:	Trabalha na fábrica de gelo dos pais.
Características externas:	19 anos, classe média, formou-se no Ensino Médio, bairro central, moreno, alto, olhos cinzentos.

Estereótipo:	Garoto mimado que não quis dar continuidade aos estudos.	
Quebra do estereótipo:	Tem uma vida clandestina com o objetivo de encontrar seu irmão mais velho desaparecido.	
Condições emocionais:	Fragilizado pela falta de informações sobre o paradeiro do irmão mais velho, Oto.	
O que quer a personagem:	Quer encontrar o irmão vivo. Considera o irmão seu "herói". Oto é quem deveria assumir os negócios da família.	
Maior medo:	Medo de assumir a responsabilidade sobre sua família.	
Ficha personagem Timbal-Duclaux		
Apelido/Nome/Alcunha:	Gael/Roco	
Dimensão física e psicológica		
Sexo:	Masculino	
Idade:	19	
Data de nascimento:	Quinta-feira, 25 de fevereiro de 2021	Signo: Peixes
Tamanho e peso:	1,85/75 kg	
Figura (cor dos cabelos, olhos, pele):	Cabelos castanhos, olhos cinzentos, pele clara.	
Postura:	Tranquilo	
Aspecto (sujo, bonito):	Alto, bonito.	
Eventuais defeitos (cicatrices, anomalias):	Cicatriz na sobrancelha esquerda (enquanto brincava com o irmão quando criança, caiu e bateu a cabeça). Voz rouca, depois de sofrer um acidente de carro aos 15 anos.	
Hereditariedade (doenças):	-	
Vestuário habitual:	Tênis, jeans e camiseta.	
Acessórios habituais:		
Dimensão social e familiar		
Classe social:	Classe média	
Profissão/função (trabalho, horário, salário):	Ajuda os pais em uma fábrica de gelo. Tem flexibilidade de horários, mas trabalha em feriados.	
Educação (duração, escolas, disciplinas favoritas ou não, cultura):	Completo o ensino médio, mas não tentou a faculdade com o objetivo de encontrar seu irmão.	
Vida familiar (pais vivos? Separados? Divorciados? Órfão? Mentalidade, maneira de viver, hábitos/vícios/virtudes):	Pais vivos (Tasso e Izla Tolezano). Como é uma empresa familiar, trabalham muito e têm pouco tempo para vida social.	

Religião, espiritualidade:	Católico
Estado civil:	Solteiro
Nacionalidade, etnia:	Brasileiro
Lugar social: apagado ou forte (clubes, associações):	Extrovertido, chama atenção pelo bom humor.
Opção ou filiações políticas/sindicais:	-
Atividades de tempos livres: leitura, jornais, desportos, bricolage:	Joga futebol, como o irmão.
Dimensão psicológica	
Experiência e vida sexual:	Teve a primeira experiência por intermédio de Oto. Não tem nenhum relacionamento sério e não perde a oportunidade de conhecer novas garotas.
Crenças mais importantes e ambições:	Acredita que o irmão pode fazer qualquer coisa.
Maiores frustrações:	Pensar que vai ter que assumir o negócio da família um dia.
Temperamento/caráter (nervoso, sanguíneo, sentimental, sonhador, colérico):	Calmo, focado, engraçado.
Atitude face a vida (ativo, militante, indiferente, resignado, desiludido):	Ativo.
Complexos pessoais (fobia, inibições, superstições, obsessões):	Medo de assumir a responsabilidade sobre sua família.
Nível de inteligência:	Médio
Capacidades particulares (matemática, literatura...):	Ainda está se descobrindo.
Relações com os outros (extrovertido, introvertido):	Extrovertido.
Qualidades (imaginação, lógica, intuição):	Confia muito em sua intuição.

Fonte: A autora (2016).

Escrevendo esses quadros, compreendi porque tantos autores defendem a ideia de que “não têm controle” sobre a história que estão escrevendo. Compactuo com Nabokov e não concordo com a afirmativa, mas entendo que quando construímos bem a personagem, temos a sensação de que é ela que nos guia. Sensação esta obtida através do conhecimento de mundo, ao compreendermos que pessoas de determinadas personalidades agem de uma certa maneira.

Assim sabemos como uma personagem vai agir em uma determinada situação, não porque ela tem vontade própria, mas devido à antecipação possibilitada pela empatia.

QUADRO 8 – PETRA

Personagem: Petra Bordoni		Avó de Eloísa, mãe de Eron			
Construção da personagem - Oficina					
Situação externa:	Professora aposentada				
Características externas:	67 anos, classe média, formada em História, bairro nobre. Cabelos prateados e lisos, tamanho médio, olhos castanhos.				
Estereótipo:	Vovó que educou a neta e cuida da casa.				
Quebra do estereótipo:	Trabalha contra a ditadura, atuando na conscientização e no auxílio aos perseguidos. Educou politicamente a neta.				
Condições emocionais:	Acredita que a morte do marido Zeke em 2018 não foi acidental, assim carrega a desconfiança, a mágoa, raiva pelos militares (Eron já havia entrado para a PM).				
O que quer a personagem:	Que os brasileiros se conscientizem. Que os militares devolvam o poder para o povo. Um país livre para sua neta e filho. Provas de que o marido foi assassinado. Vingança pela morte do marido.				
Maior medo:	Perder seu filho e sua neta na busca por vingança.				
Ficha personagem Timbal-Duclaux					
Apelido/Nome/Alcunha:	Petra/Mãe/Vó				
Dimensão física e psicológica					
Sexo:	Feminino				
Idade:	67 anos.				
Data de nascimento:	Segunda-feira, 9 de abril de 1973	Signo:	Áries		
Tamanho e peso:	1,65/57 kg				
Figura (cor dos cabelos, olhos, pele):	Cabelos prateados e médios, olhos castanhos, pele clara.				
Postura:	Normal				
Aspecto (sujo, bonito):	Asseada				
Eventuais defeitos (cicatrices, anomalias):	-				
Hereditariedade (doenças):	-				

Vestuário habitual:	Calças compridas e camisetas com estampas de livros/filmes de que gosta
Acessórios habituais:	-
Dimensão social e familiar	
Classe social:	Média
Profissão/função (trabalho, horário, salário):	Aposentada. Cuida da casa.
Educação (duração, escolas, disciplinas favoritas ou não, cultura):	Formada em História.
Vida familiar (pais vivos? Separados? Divorciados? Órfão? Mentalidade, maneira de viver, hábitos/vícios/virtudes):	Pais e esposo mortos. Vive com o filho e a neta.
Religião, espiritualidade:	Católica
Estado civil:	Viúva
Nacionalidade, etnia:	Brasileira
Lugar social: apagado ou forte (clubes, associações):	Poucos amigos
Opção ou filiações políticas/sindicais:	-
Atividades de tempos livres: leitura, jornais, desportos, bricolage:	Tempo livre, cria a neta para se defender contra a ditadura, além de promover ações contra a mesma.
Dimensão psicológica	
Experiência e vida sexual:	Tem casos amorosos eventuais, mas nada sério.
Crenças mais importantes e ambições:	Acredita na verdade, e que ela deve ser revelada.
Maiores frustrações:	Não saber com certeza como o marido morreu.
Temperamento/caráter (nervoso, sanguíneo, sentimental, sonhador, colérico):	Determinada. Independente. "Personalidade forte".
Atitude face a vida (ativo, militante, indiferente, resignado, desiludido):	Ativa.
Complexos pessoais (fobia, inibições, superstições, obsessões):	Desconfia de tudo, até que se prove o contrário.
Nível de inteligência:	Médio
Capacidades particulares (matemática, literatura...):	História

Cabo Zeke Bordoni era motorista do Coronel Silas Cherubim (PM) quando houve o acidente de carro que matou os dois.

Relações com os outros (extrovertido, introvertido):	Introvertida	
Qualidades (imaginação, lógica, intuição):	Sarcástica	

Fonte: A autora (2016).

QUADRO 9 – FILIPA

Personagem: Filipa Briones		Narradora dos <i>flashbacks</i>	
Construção da personagem - Oficina			
Situação externa:	Coronel do Exército		
Características externas:	54 anos, classe alta, pós-graduada, vila militar, negra, magra, cabelos curtos, olhos castanhos escuros.		
Estereótipo:	Compactua com a ditadura. Militar que não pensa, só segue ordens.		
Quebra do estereótipo:	Age dentro do exército contra a ditadura.		
Condições emocionais:	Sofreu muitas perdas afetivas, por isso, preserva-se. Mantém uma ligação muito forte com Leona por ter ajudado em sua criação.		
O que quer a personagem:	Quer acabar com a ditadura e devolver o poder ao povo. Quer um país que acolha o povo. Quer voltar a pertencer a um grupo honrado.		
Maior medo:	Tornar-se tão desonrada quanto o exército está se tornando.		
Ficha personagem Timbal-Duclaux			
Apelido/Nome/Alcunha:		Lipa/Filipa/Cel. Briones	
Dimensão física e psicológica			
Sexo:	Feminino		
Idade:	54 anos		
Data de nascimento:	Domingo, 17 de novembro de 1985	Signo:	Escorpião
Tamanho e peso:	1,75/65 kg		
Figura (cor dos cabelos, olhos, pele):	Cabelos negros, cortado curto. Olhos castanho escuro. Pele negra.		
Postura:	Militar		
Aspecto (sujo, bonito):	Asseada		
Eventuais defeitos (cicatrices, anomalias):	-		
Hereditariedade (doenças):	-		
Vestuário habitual:	Farda		
Acessórios habituais:			

Dimensão social e familiar	
Classe social:	Alta
Profissão/função (trabalho, horário, salário):	Coronel do Exército
Educação (duração, escolas, disciplinas favoritas ou não, cultura):	Fez os cursos obrigatórios para a carreira militar.
Vida familiar (pais vivos? Separados? Divorciados? Órfão? Mentalidade, maneira de viver, hábitos/vícios/virtudes):	Pai desconhecido, mãe (Mabel) era funcionária dos pais de Leona até morrer. Pais de Leona permitiram que Filipa continuasse a morar nos fundos da casa, em troca trabalhou como babá.
Religião, espiritualidade:	Ateia
Estado civil:	Solteira
Nacionalidade, etnia:	Brasileira
Lugar social: apagado ou forte (clubes, associações):	Discreta
Opção ou filiações políticas/sindicais:	-
Atividades de tempos livres: leitura, jornais, desportos, bricolage:	Acompanha a vida de Leona e sua família.
Dimensão psicológica	
Experiência e vida sexual:	Discreta, pouco ativa.
Crenças mais importantes e ambições:	Gratidão e honra.
Maiores frustrações:	Não ter cuidado melhor de Leona.
Temperamento/caráter (nervoso, sanguíneo, sentimental, sonhador, colérico):	Estrategista
Atitude face a vida (ativo, militante, indiferente, resignado, desiludido):	Ativa
Complexos pessoais (fobia, inibições, superstições, obsessões):	-
Nível de inteligência:	Alta
Capacidades particulares (matemática, literatura...):	Estratégia
Relações com os outros (extrovertido, introvertido):	Introvertida

Qualidades (imaginação, lógica, intuição):	Lógica
--	--------

Fonte: A autora (2016).

Ao planejar os episódios, senti a falta de um narrador específico para os *flashbacks*, além de uma personagem que auxiliasse Eloísa a entrar para as Forças Armadas e tivesse o poder de influenciar o governo (agindo de dentro do sistema). A personagem não poderia surgir do nada, para não incorrer em um *deus ex machina*.

Sendo assim, criei a Coronel Filipa Briones. Inicialmente Eloísa nutre antipatia pela Coronel, pois ela trabalha como “relações públicas” do governo. Mas ao final da narrativa, Filipa se apresenta para Eloísa como testemunha da vida de sua mãe; e é a narradora dos *flashbacks*. Filipa tem papel crucial ao auxiliar Eloísa quando ela perde sua família e precisa reformular sua vida, finalmente aceitando os ensinamentos do pai e da avó.

QUADRO 10 – SAUL

Personagem: Saul Chen	
Construção da personagem - Oficina	
Situação externa:	Jornalista
Características externas:	52 anos, classe média, graduado em jornalismo, mora em um apartamento alugado no centro, traços orientais (chinês), cabelos escuros, olhos escuros, baixo.
Estereótipo:	Jornalista que apoia a ditadura, veiculando apenas notícias de interesse do governo autoritário.
Quebra do estereótipo:	Um dos líderes da organização de resistência à ditadura.
Condições emocionais:	Egoísta e mesquinho. Ressente-se por ter perdido o emprego confortável em um grande veículo de comunicação e procura uma forma de estabilidade.
O que quer a personagem:	A liberdade de imprensa. Ter o emprego dos sonhos de volta. Ter uma vida confortável e aprazível.
Maior medo:	Continuar vivendo com poucos recursos financeiros.
Ficha personagem Timbal-Duclaux	
Apelido/Nome/Alcunha:	Saul/Jack
Dimensão física e psicológica	
Sexo:	Masculino
Idade:	52 anos

Data de nascimento:	Terça-feira, 7 de julho de 1987	Signo:	Câncer
Tamanho e peso:	1,60/56 kg		
Figura (cor dos cabelos, olhos, pele):	Cabelos castanhos escuros, olhos castanhos escuros, traços orientais.		
Postura:	Curvada		
Aspecto (sujo, bonito):	Simplório		
Eventuais defeitos (cicatrices, anomalias):	-		
Hereditariedade (doenças):	-		
Vestuário habitual:	Camisa de botões e calça jeans.		
Acessórios habituais:			
Dimensão social e familiar			
Classe social:	Classe média		
Profissão/função (trabalho, horário, salário):	Jornalista		
Educação (duração, escolas, disciplinas favoritas ou não, cultura):	Graduado em jornalismo		
Vida familiar (pais vivos? Separados? Divorciados? Órfão? Mentalidade, maneira de viver, hábitos/vícios/virtudes):	Pais vivos que moram no interior. Saul gosta de levar uma vida abastada.		
Religião, espiritualidade:	Não tem		
Estado civil:	Solteiro		
Nacionalidade, etnia:	Brasileiro (ascendência chinesa)		
Lugar social: apagado ou forte (clubes, associações):	Forte		
Opção ou filiações políticas/sindicais:	Faz parte da Org		
Atividades de tempos livres: leitura, jornais, desportos, bricolage:	Gosta de jogar baralho (<i>poker</i>)		
Dimensão psicológica			
Experiência e vida sexual:	Conquistador, mas não mantém nenhum relacionamento.		
Crenças mais importantes e ambições:	Quer a vida confortável que tinha antes do golpe. Tem uma moral "maleável".		
Maiores frustrações:	Ter perdido a boa vida que tinha.		
Temperamento/caráter (nervoso, sanguíneo, sentimental, sonhador, colérico):	Carismático		

Atitude face a vida (ativo, militante, indiferente, resignado, desiludido):	Ativo
Complexos pessoais (fobia, inibições, superstições, obsessões):	
Nível de inteligência:	Médio
Capacidades particulares (matemática, literatura...):	
Relações com os outros (extrovertido, introvertido):	Extrovertido
Qualidades (imaginação, lógica, intuição):	

Fonte: A autora (2016).

Meu orientador sempre nos alertou em suas aulas para não nomearmos uma personagem com um nome que descreve sua personalidade, sendo esta uma ideia ultrapassada. Por isso troquei o nome de Lucius (que se assemelha a Lúcifer) para Saul (que também pode suscitar negatividade pela terminação em UL, mas pela forma que o tratei na novela, não acredito que possa ser um problema).

Ao finalizar as fichas das personagens, criei não somente as personalidades, mas também determinei as necessidades, ambições, defeitos e qualidades das sete personagens determinantes para o desenvolvimento da trama.

4.2 Cronologia da novela

Durante a reunião de orientação do dia 26 de maio de 2015, também discutimos a questão da cronologia. Lembro que meu orientador sempre nos aconselhou, na Oficina de Criação Literária, a fazer uma linha do tempo da novela. Ele argumenta que é uma atividade trabalhosa, momento em que determinamos cronologicamente o percurso das personagens, mas que oferece um suporte inestimável para o processo de escrita. Na cronologia é importante apontarmos as datas de nascimento, eventos importantes, episódios da novela, para cada personagem relevante, além de apontar acontecimentos memoráveis que aconteceram no mundo para servir de orientação.

A primeira constatação sobre a cronologia foi apontada pelo meu orientador, que acreditava que era desaconselhável um espaço temporal muito extenso entre o tempo atual e o tempo futuro, pois eu teria que dedicar tempo para imaginar como seria a vida décadas a

frente, isto é, quais as tecnologias que possivelmente estariam conquistadas. Ponderei sobre a questão cronológica e me dei conta de que se leva algum tempo para se organizar uma resistência capaz de enfrentar uma ditadura. Sendo assim, decidi inicialmente que a cronologia seguiria este esquema transcrito abaixo:

QUADRO 11 – PRIMEIRA CRONOLOGIA

Estive pensando na sugestão do Assis sobre o livro se passar em 2018, e acho que não vai ser possível.

Preciso que o regime militar esteja mais maduro, para já ter organizações para o derrubar. Isso requer tempo.

Não quero ter que me preocupar com avanços tecnológicos, e nem amarrar o livro em datas. Mas a grosso modo, pensei:

Nas eleições de 2018, a Dilma e o Lula (não serão mencionados) vão apoiar um candidato X, que ganhará as eleições. Além de permanecer o vulgo PT corrupto, ele ainda vai propor uma reforma agrária. Nesse momento é que os militares intervêm, utilizando-se da aclamação popular que pede o fim da corrupção para tomar o poder. As oligarquias brasileiras vão apoiar, porque o governo não consegue mais financiar o Bolsa Família, e as aposentadorias já estão ameaçadas.

O golpe virá no começo de 2019.

Para a mãe da Heloísa já estar montando uma organização, é preciso pelo menos uns três anos (tendo em vista a agilidade em que hoje as informações são transmitidas). 3 anos da população sofrendo o pulso firme e vendo que eles não mudaram nada, para finalmente começar a reagir.

1 ano da mãe atuando na organização e no finalzinho desse ano conhece o pai. A filha nasce e a mãe morre.

2019 – golpe

2022 – iniciam as atividades da organização

2022 – Mãe e pai se apaixonam

2023 – Heloísa nasce

2030 – cena do banheiro suicida – memória inicial – prefácio

2044 – o livro é narrado – presente

Fonte: A autora (2015).⁴

⁴ Transcrição do diário que a autora mantém sobre seu processo criativo.

No dia 1º de junho de 2015, repensei a cronologia e calculei novas datações, conforme a transcrição:

QUADRO 12 – SEGUNDA CRONOLOGIA

Acho melhor diminuir a idade da Heloísa, 25 anos de golpe me parece muito para essa situação. Talvez seja melhor os 17 anos, recém-saída do ensino médio – Mais imprudente, mais rebelde.

2019 – golpe

2022 – iniciam as atividades da organização

2024 – Heloísa nasce – Tinha esquecido os 9 meses de gestação

2031 – suicida no banheiro – prefácio

2041 – presente do romance

Fonte: A autora (2015).⁵

Depois de delineadas as personagens em profundidade, pude desenvolver uma cronologia mais detalhada, que guiou todo meu processo de escrita. Reitero nesse momento a importância de uma cronologia particularizada. Por se tratar de uma novela que se passa no futuro, a narrativa poderia facilmente se perder em meio às datas, mas com uma cronologia bem desenvolvida pude escrever com tranquilidade, sem receio de incorrer em erro.

A seguir, a cronologia final:

⁵ Transcrição do diário que a autora mantém sobre seu processo criativo.

QUADRO 13 – CRONOLOGIA FINAL

Ano	Cronologia do romance												Brasil/Mundo											
	Eloísa			Leona			Eron			Gael				Petra			Filipa			Saul				
Idade	Acontecimento	Idade	Acontecimento	Idade	Acontecimento	Idade	Acontecimento	Idade	Acontecimento	Idade	Acontecimento	Idade	Acontecimento	Idade	Acontecimento	Idade	Acontecimento	Idade	Acontecimento	Idade	Acontecimento	Idade	Acontecimento	
1973	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
1985	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
1987	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
1991	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
1994	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
1995	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
1999	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
2004	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
2005	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
2010	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
2013	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
2017	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
2018	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
2019	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
2020	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
2021	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
2022	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
2023	0	Nascimento	23	Morre	23	Morre	23	Morre	23	Morre	23	Morre	23	Morre	23	Morre	23	Morre	23	Morre	23	Morre	23	Morre
2027	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2029	5	Entra para o Ensino Fundamental	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2030	7	Suicida no banheiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2031	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2035	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2036	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2038	14	Entra para o Ensino Médio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2039	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2040	17	Primeira cena do livro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2041	18	Entra para o exército	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2043	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: A autora (2016).

4.3 Foco narrativo

A distinção entre novela e romance não é de interesse do público leitor, mas é de extrema importância para o escritor, visto que para escrever é necessário compreender as limitações e possibilidades de cada gênero.

Compreendi logo que, a partir daquilo que havia planejado, minha história seria uma novela. Isso me ajudou a entender aquilo que eu estava pretendendo contar e auxiliou a não me perder no caminho da escrita. Para essa novela, planejei um tema central, que pode ser compreendido no termo metafórico “atalhos não existem”. E dentro desse tema, planejei dois núcleos de conflito, através de dois focos narrativos.

A escolha dos focos narrativos é crucial para quem escreve ficção, já que cada ponto de vista oferece oportunidades e limitações, e a escolha deve ser decidida a partir daquilo que o escritor quer narrar. A eficácia de cada ponto de vista resultará da adequação técnica necessária para que se consigam os efeitos previstos pela história.

Sendo assim, pretendi que o primeiro focalizador, que apresenta a protagonista, seria uma narrativa em primeira pessoa realizada pela personagem Eloísa. Essa é a personagem que, na história, mais tem a perder. Desta forma, o efeito esperado é que o leitor possa acompanhar o crescimento da personalidade de Eloísa à medida que ela vivencia as experiências da trama.

Utilizando a proposta de Alicia Rasley (2008, p.226), compreendi que o nível de onisciência desejado para desenvolver essa narrativa em primeira pessoa, com focalizador na protagonista, compreenderia os seis níveis propostos: olho-câmera, ação, percepção, pensamento, emoção e imersão profunda. Tomei essa decisão, pois considereei ser mais interessante para o leitor compreender bem a personagem, ficando a cargo dos episódios o envolvimento do leitor com a trama.

O segundo focalizador seria instituído através de uma narrativa em terceira pessoa, adaptando a técnica do “eu” como testemunha, segundo a categorização de Norman Friedman (2002, p.166). O narrador desses *flashbacks* é a personagem Filipa, que conta para Eloísa o que testemunhou da vida de sua mãe, Leona; em outras palavras, através da narrativa em terceira pessoa do focalizador Filipa, são apresentadas as percepções da personagem Leona, mãe da protagonista Eloísa. Só ao final da narrativa é que o leitor entenderá a relevância dos *flashbacks*, que têm por objetivo ajudar na compreensão da história de Eloísa, além de trazer

elementos que dão ênfase ao tema. A narração por narrador-testemunha é uma excelente técnica para despertar o suspense, nela a situação vai sendo armada e revelada aos poucos.

Para os capítulos narrados em terceira pessoa, decidi que o nível de onisciência não deveria ser tão amplo, compreendendo apenas os primeiros cinco níveis: olho-câmera, ação, percepção, pensamento e emoção. Essa decisão foi tomada devido ao narrador – como a personagem Filipa é uma testemunha da vida da Leona, ela não teria acesso às aspirações mais profundas de Leona, tendo acesso a essas informações apenas de maneira distanciada e pela interpretação de suas ações. Essa narrativa se restringiu a mostrar apenas aquilo que a narradora Filipa teria condições de saber sobre a vida de Leona.

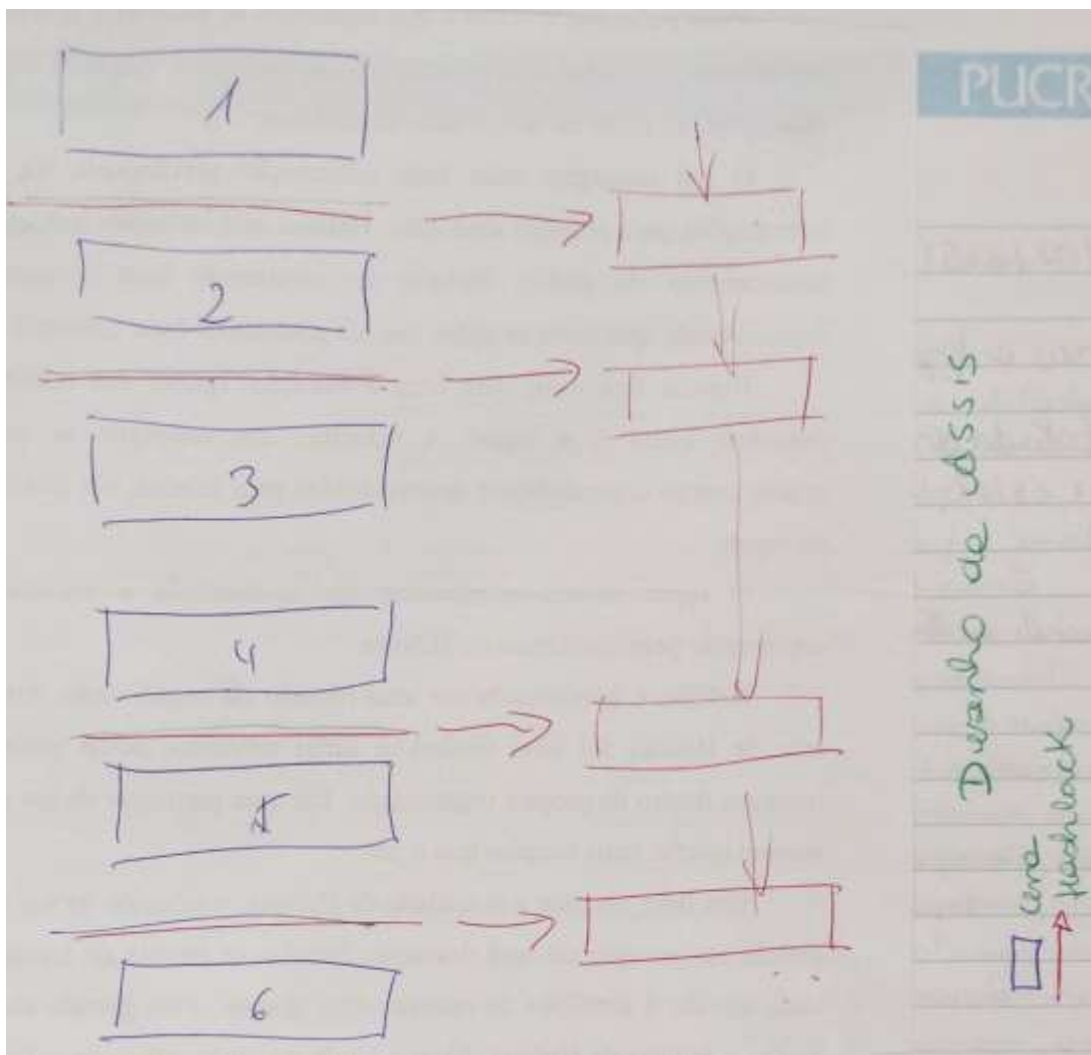
No último *flashback*, mantive o focalizador, mas optei por trocar a narração de terceira pessoa para primeira, pois nesse momento acontece a revelação de quem é a narradora desses *flashbacks* para a protagonista: Eloísa é apresentada para Filipa, que revela sua posição na história.

Outra possibilidade que deveria pensar sobre a narração era se o leitor, ao embarcar nessa história, iria saber mais que a personagem, igual ou menos que a personagem. Neste caso, o leitor vai saber igual à personagem. Ele vai acompanhar, junto com Eloísa, todo o drama e reviravoltas que a ela acontecerem. O despertar do interesse do leitor está no conflito.

4.4 Episódios

A memória é um ponto importante na trajetória de Eloísa, conhecer seu passado intensifica a transformação da personagem. Sendo assim, a reunião do dia 30 de junho de 2015 também resultou na ideia de planejar um resgate da memória, como apresentar o momento em que a intervenção militar aconteceu. Explicitarei essa necessidade ao professor Assis e ele me ajudou a organizar o raciocínio. Abaixo um exemplo desenhado por ele para me explicar como poderia planejar os episódios:

IMAGEM 1 – PLANEJANDO OS EPISÓDIOS



Fonte: A autora (2015).⁶

A próxima etapa de planejamento era determinar os episódios da novela, estruturando o enredo. Abaixo a tabela que apresenta esse planejamento:

QUADRO 14 – EPISÓDIOS

Capítulos:	Episódios:
Prefácio	Heloísa (criança) encontra a suicida no banheiro
1	Heloísa em fuga depois de fotografar policiais recebendo propina
	Heloísa chega em casa
	Pai e avó apresentam o plano de raquear o sinal dos telões do estádio
Flashback	Mãe participando de um protesto na rua contra o golpe
2	Heloísa flagra rapaz colocando explosivos na cabine de imprensa do estádio
	Heloísa segue o rapaz em busca de informações
	Sai a notícia sobre a explosão da cabine de imprensa

⁶ Foto tirada do diário que a autora mantém sobre seu processo criativo.

3	Heloísa rastreia o rapaz pela internet
	Heloísa vai até o apartamento de Rodrigo
Flashback	Mãe observa policiais invadirem, e assassinarem, câmara, senado e presidência
4	Heloísa vigia Rodrigo para descobrir informações sobre a Org
	Heloísa salva Rodrigo de uma batida policial aleatória
Flashback	Mãe mostra os direitos civis sendo suprimidos pela polícia no imediato pós-golpe
5	Rodrigo apresenta Heloísa para a Org
Flashback	Mãe inicia a Org
6	Heloísa se frustra ao ser tratada como caloura na Org
7	Heloísa é convidada por Lúcio a participar de um assalto coordenado
8	A polícia consegue impedir o assalto coordenado
	Heloísa e Rodrigo fogem da polícia/Início do romance entre eles
Flashback	Descrição do pai
9	Heloísa e Rodrigo voltam para casa e descobrem o corpo da avó e o pai desaparecido
10	Enterro da avó
	Dirigentes da Org se negam a ajudar na busca pelo pai
	Lúcio foge para o exterior, abandonando a causa
11	Heloísa e Rodrigo passam na seleção de oficiais do exército
	Heloísa e Rodrigo iniciam uma resistência dentro do exército
Flashback	Nascimento da Heloísa
	Heloísa nunca descobre o que aconteceu com seu pai

Fonte: A autora (2015).

O Quadro 14 apresenta os episódios planejados no dia 09 de novembro de 2015 para a novela, previamente divididos em capítulos. Durante a escrita, vários detalhes foram alterados, objetivando a verossimilhança e intensificação do suspense, mas o tema e conflitos não foram prejudicados.

Os episódios foram planejados seguindo orientação da teoria do monomito de Campbell, isto é, a jornada do herói. De forma flexibilizada, a jornada do herói foi aplicada no planejamento da trajetória da personagem Eloísa, que sofrerá toda sua transformação através de um chamado à aventura, isto é, quando o padrão de sua vida é quebrado ao se tornar um membro de uma organização de resistência.

A estrutura planejada é linear, o leitor acompanha a evolução da personagem de forma progressiva, isto é, acompanha o dia a dia da personagem Eloísa. Mesmo no caso dos *flashbacks*, em que o foco narrativo está em Filipa, será uma estrutura linear, pois cada *flashback* mostra progressivamente a vida da personagem Leona.

4.5 Arremate do planejamento

A escolha dos detalhes serve apenas para preencher a cota necessária para convencer o leitor de que aquilo é “real”, que “realmente aconteceu.”
James Wood

Aprecio histórias que apresentam elementos gráficos precisos para identificar pontos importantes do enredo, e uma organização de resistência deveria ter um símbolo identificável que serviria de assinatura em suas ações.

A primeira ideia partiu da expressão “Quinta coluna”, usada para se referir a grupos clandestinos que atuam contra o sistema dentro da própria estrutura. Surgiu durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), mas nunca se chegou a um consenso sobre a autoria.

Pesquisei imagens de *colunas* (elemento arquitetônico) para representar a família de Eloísa, sendo sua assinatura nos ataques cibernéticos, mas durante a escritura determinei que o símbolo “cairia melhor” na organização da qual Eloísa faria parte apenas no final da história.

Enviei diversos modelos de *colunas* e orientações sobre o objetivo do símbolo para meu amigo designer gráfico, Gilmar Parreira, que se disponibilizou a desenvolver um símbolo compatível com a minha necessidade. Dias depois, Gilmar me encaminhou o símbolo que a personagem Eloísa descreve no último capítulo, assinatura do movimento dentro do governo e desenvolvido por Gael. Segue abaixo:

IMAGEM 2 – SÍMBOLO DO MOVIMENTO DENTRO DO GOVERNO



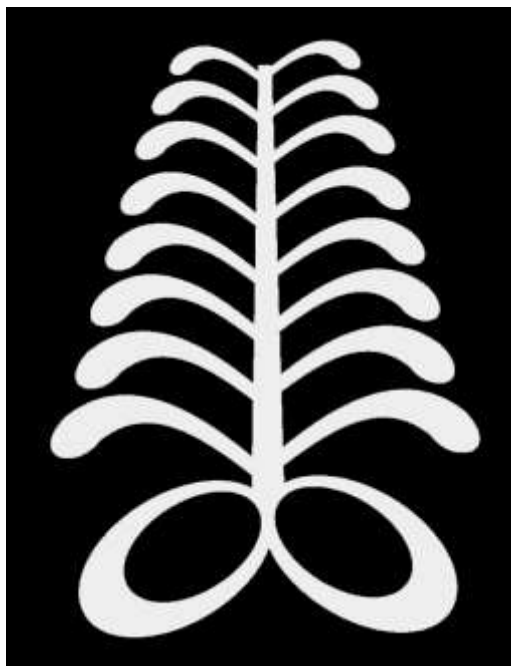
Fonte: A autora (2015).

Precisei também de um símbolo para a assinatura das ações da organização de resistência “A Corja”. Pesquisei na internet por palavras como coragem, bravura, resistência, e encontrei símbolos interessantes dentro da cultura africana.

Os símbolos Adinkra representam provérbios e aforismos, uma linguagem de ideogramas impressos, e pertencem à nação Ashanti (Gana) e ao povo Gyaman (Costa do Marfim). Na estamperia adinkra, encontrei o símbolo *aya*, que apresenta o desenho de uma folha de samambaia e tem o significado traduzido por “eu não tenho medo de você”. Um símbolo de resistência, independência, força e perseverança, valores esses importantes para a personagem Leona, uma das fundadoras d’A Corja.

Segue abaixo a imagem que inspirou o símbolo d’A Corja, descrito no final do sexto capítulo:

IMAGEM 3 – AYA



Fonte: Claudio Zeiger (2012)

A história transcorre pela cidade de Belo Horizonte, mas imaginei que, em um futuro no qual os militares governam o país, seria necessário legitimar seu poder através de ícones. Então troquei o nome da cidade de Belo Horizonte para Novo Horizonte.

Também troquei o nome de algumas praças, ruas e do estádio mais conhecido como “Mineirão”, com o mesmo objetivo: para legitimar o poder do novo governo, os governantes apresentam novos heróis.

Para finalizar o planejamento da novela, precisava determinar a nomenclatura da organização da resistência e como chamaria os corruptos na narrativa. Depois de ler diversos artigos na internet e pesquisar em dicionários, optei por chamar a resistência de “A Corja”, afinal, este é o termo de uso recorrente por aqueles que desejam menosprezar o lado contrário à sua posição política. Para os corruptos, escolhi seu sinônimo: *magano*. Assim, a novela cria um vínculo maior com o leitor ao fornecer mais um elemento de identificação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

... a civilização que não declara seus valores com clareza ou despreza os valores conhecidos caminha para a extinção, para a derrocada definitiva. E outros expressarão esses valores, e na boca desses outros eles não serão mais valores, mas álibis para o poder sem limites, para o extermínio sem limites.
Imre Kertész

Almejei, ao planejar e escrever a novela *Tormenta*, uma possibilidade de reflexão sobre a nossa sociedade atual. Sem apontar soluções, apenas imaginei um futuro sombrio caso persistamos no rumo em que estamos. Narrativa crítica, que mesmo tentando reter ao mínimo possível qualquer posição ideológica e política, escancara minha aversão a regimes ditatoriais e golpistas.

Meu orientador sempre brinca que os escritores, quando terminam de escrever suas obras, acreditam que estão “revolucionando a literatura ocidental”, mas em nenhum momento mantive essa ambição. Com a tranquilidade de ter me dedicado o máximo possível, sei que escrevi uma novela dentro da minha capacidade atual. Uma narrativa intrépida, por apresentar elementos políticos em um momento melindroso do nosso país.

Passei todo o ano de 2015 e os primeiros meses de 2016 planejando a novela, e apenas no dia 29 de março de 2016 comecei a escrevê-la de fato. Foi um processo extenso de planejamento, de avanços e recuos, mas primordial para a escritura da minha primeira narrativa longa. O planejamento minucioso mostra-se ainda mais importante em uma narrativa distópica, na qual o escritor pode facilmente se perder no excesso de detalhes.

No diário de criação anotei, no dia 23 de janeiro de 2016, um desabafo que justifica o longo processo de planejamento: eu não me sentia segura. Precisei de todo o apoio e incentivo do meu orientador, além de estudar e discutir técnicas com meus colegas, para finalmente me aventurar a escrever minhas ideias.

Sendo assim, gostaria de registrar minha intenção de continuar meus estudos literários; tenho um longo caminho a percorrer. Ter uma orientação brilhante nesta primeira experiência foi inestimável, e finalmente me sinto apta a caminhar.

REFERÊNCIAS

- ASIMOV, Isaac. **Fundação**. São Paulo: Aleph, 2009. 239 p.
- AUGÉ, Marc. Contemporaneidade e consciência histórica. In: _____. **Para onde foi o futuro?** Campinas: Papirus Editora, 2012. cap. 4, p. 45-62.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Não verás país nenhum**. São Paulo: Global, 2008. 381 p.
- BURGESS, Anthony. **Laranja Mecânica**. São Paulo: Aleph, 2004. 224 p.
- CHARBONNEAU, Joelle. **O teste**. São Paulo: Única, 2014. 320 p.
- COLLINS, Suzanne. **Jogos Vorazes**. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010. 400 p.
- DICK, Philip K. **O Homem do Castelo Alto**. São Paulo: Aleph, 2009. 304 p.
- FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p.166-182, mar./maio 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i53p166-182>>. Acesso em: 26 jun. 2015.
- GABEIRA, Fernando. **O que é isso, companheiro?** 5. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1979. 192 p.
- GARDNER, John. **A arte da ficção**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- HOWEY, Hugh. **Silo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 512 p.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Globo de Bolso, 2009. 398 p.
- KERTÉSZ, Imre. O infeliz século XX. In: _____. **A língua exilada**: Incluindo "Heureka", o discurso proferido no recebimento do Prêmio Nobel de Literatura em 2002. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 23-43.
- LAMARCA. Direção: Sérgio Rezende. Produção: José Joffily, Mariza Leão e Andréa Queiroga. Roteiro: José Emiliano, Miranda Oldack, Alfredo Oroz e Sérgio Rezende. Música: David Tygel. Rio de Janeiro: Morena Filmes, 1994. (130 min.), son., color.
- LEITE, Lígia. C. M. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1989.
- LODGE, David. **A arte da ficção**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- LU, Marie. **Legend**: A verdade se tornará lenda. Rio de Janeiro: Prumo, 2012. 256 p.
- MACIEL, Luiz Carlos. **O poder do clímax**: fundamentos do roteiro de cinema e TV. Rio de Janeiro: Record, 2003. 158 p.
- MEYER, Stephenie. **Crepúsculo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008. 416 p.
- MORUS, Tomás. **A utopia**. Porto Alegre: L&PM, 1997. 160 p. (Coleção L&PM; Pocket).

NIETO, Marya Gonzáles. Leer ficción nos hace más empáticos: Un estudio asegura que se puede aprender sobre las emociones al explorar la vida interior de los personajes ficticios. **El País**. Madrid. 20 jul. 2016. Disponível em: <http://elpais.com/elpais/2016/07/18/ciencia/1468850653_180510.html>. Acesso em: 24 ago. 2016.

NIETO, Ramón. A literatura serve para alguma coisa? In: _____. **O ofício de escrever**. São Paulo: Angra, 2001. p. 106-109.

ORWELL, George. **1984**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009. 416 p.

RASLEY, Alicia. Levels of POV. In: _____. **The power of Point of View: Make your story come to life**. Cincinnati: Writer's Digest Books, 2008. p. 226-242.

ROWLING, J.k. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 224 p.

SAUNDERS, Jean. **Eu pesquiso para escrever: Guia prático para ajudar o escritor a organizar as suas pesquisas**. Lisboa: Pergaminho, 1998. 160 p.

SILVA, Luiz Antônio de Assis Brasil e. **Oficina de criação literária**. 12 mar. 2015 - 26 nov. 2015. Porto Alegre, 2015. Notas de Aula.

SILVA, Luiz Antônio de Assis Brasil e. **Oficina de criação literária: Narrativa**. 07 mar. 2016 - 20 jun. 2016. Porto Alegre, 2016. Notas de Aula.

TIMBAL-DUCLAUX, Louis. **Eu escrevo meu primeiro romance: guia técnico da escrita criativa**. Lisboa: Pergaminho, 1997. 188p.

VARGAS, Índio. **Guerra é Guerra, dizia o torturador**. 3. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1981. 188 p.

VIEIRA, Fátima. The concept of Utopia. In: CLAEYS, Gregory (Ed.). **The Cambridge Companion to Utopian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. cap. 1. p. 3-27. (Cambridge Companions to Literature).

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosac Naify Portátil, 2012.

ZEIGER, Claudio. **Aya – Simbologia Adinkra**. 21 fev. 2012. Disponível em: <<http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/2012/02/aya-simbologia-adinkra.html>>. Acesso em: 25 nov. 2015.